

---

## **KAROSHI: UMA BREVE REVISÃO SOBRE A MORTE POR EXCESSO DE TRABALHO**

Júlia de Paula Pizzo\* (Departamento de Psicologia - DPI, UEM, Maringá-PR, Brasil); Cristhielle Tiekko Ogura\* (Departamento de Psicologia - DPI, UEM, Maringá-PR, Brasil); Gustavo Auada Drugovich (Departamento de Psicologia - DPI, UEM, Maringá-PR, Brasil).

contato: juliadepaulapizzo@gmail.com  
cris.thieko@gmail.com  
drugovich5@hotmail.com

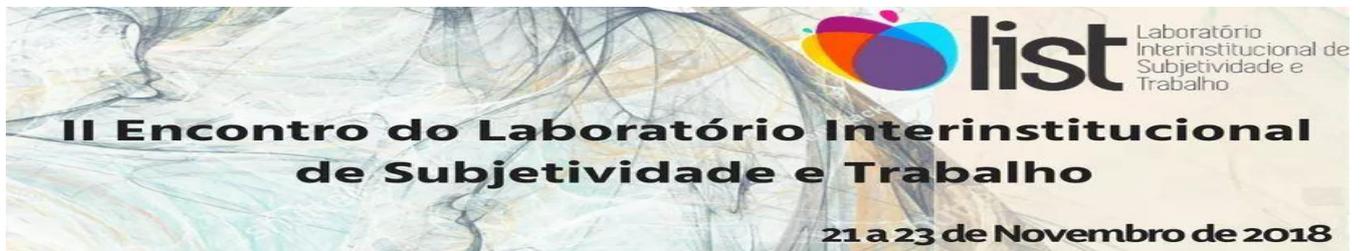
**Palavras-chave:** Karoshi. Psicopatologia. Psicologia.

## **KAROSHI: UMA BREVE REVISÃO SOBRE A MORTE POR EXCESSO DE TRABALHO**

A palavra “*Karoshi*” tem origem japonesa, onde sua descrição dá-se pela morte do excesso de trabalho. O diagnóstico do *Karoshi* é extremamente confuso de se fazer pois é um óbito acontecido de forma "instantânea ou dentro de 24 horas após o início dos sintomas" (Chehab, 2013). Isso ocorre pelo fato de ser caracterizado por ser um óbito súbito. As consequências que geram o *Karoshi* são ataques cardíacos, acidentes vasculares cerebrais, trombose ou infarto cerebral, infarto agudo do miocárdio, insuficiência cardíaca.

A dificuldade de diagnosticar o falecimento por *Karoshi* é porque é necessário estabelecer uma ligação entre o trabalho e o óbito do indivíduo. Em muitos casos, quando os sintomas são percebidos com antecedência, com o trabalho de médicos especializados no campo, o falecimento é postergado, contudo, não há a garantia de que algum colapso rápido não afete o indivíduo e acabe com a sua vida repentinamente.

O *Karoshi* se desencadeia por causa do estresse que leva a fadiga, exaustão e assim à morte. Segundo Chehab (2013) um dos pioneiros sobre o assunto, Hans Selye, construiu os segmentos dos sintomas do estresse da seguinte maneira: inicialmente o indivíduo passa pela “fase de alerta”. Nela o corpo experimenta a liberação de adrenalina e corticóides pois sente que está altamente em perigo. Em seguida, há a “fase de resistência” caracterizada pela concentração de energia para manter uma resposta aos sinais de alerta que, juntos, promovem o desgaste do



organismo. Já na “fase de exaustão” o corpo já não apresenta respostas ou os sinais de alarme, aqueles que eram reversíveis na fase de resistência, já não são reversíveis agora e isso acaba levando ao óbito.

Não existem critérios fixos para justificar uma morte ocorrida por excesso de trabalho. As causas dessas mortes súbitas estão acometidas à outros padecimentos que não estão diretamente associados ao trabalho. De acordo com Chehab (2013):

Os limites quantitativos de excesso de trabalho, do aspecto doentio dos processos de trabalho e dos fatores internos e externos que conduzem ao *karoshi* não são exatos, dependem da interação deles entre si, da intensidade e do tempo de exposição ao estresse e à fadiga e da capacidade fisiológica de resistência e adaptação de cada organismo à exaustão. (Chehab, 2013, pág. 160)

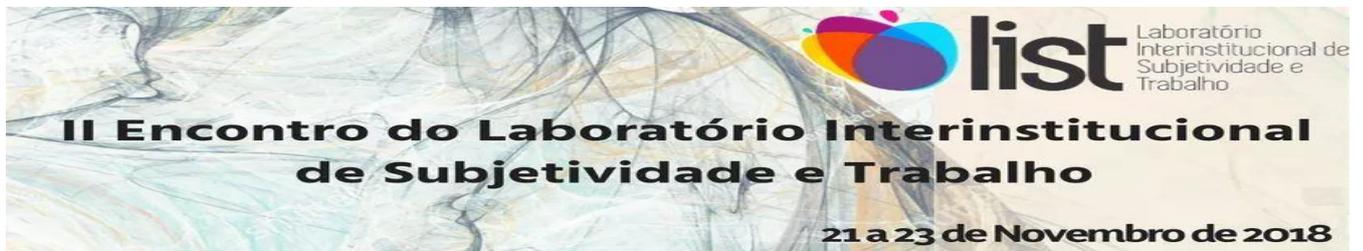
Olhando para as enfermidades que podem acometer com a junção de estresse e trabalho encontramos a síndrome de Burnout conjugado com a morte súbita por causas médicas associadas ao *Karoshi* e precedida pelo excesso de trabalho crônico (por meses seguidos) ou agudo (nos últimos dias ou horas), conduz à presunção relativa da existência de causalidade entre o óbito e o labor. (Chehab, 2013, pág. 161)

Em muitos casos de indivíduos que se afastaram por cansaço e estresse podem indicar o mal-estar pelo trabalho contudo, pelo fato desses indivíduos estarem muito envolvidos pelo labor, acabam não procurando tratamento para não acabarem se afastando do serviço

Outro indicativo de que a morte do trabalhador tenha sido acometida por *Karoshi* é observando a sua idade pois o *Karoshi* reduz o tempo de vida. Chehab (2013) traz apontamentos de Tetsuro Kato que realizou uma pesquisa entre os anos de 1988 a 1993 no Japão. Nesta pesquisa, a conclusão que se chegou foi de que:

[...] a maior parte das vítimas de casos reportados de *karoshi* no Japão tinha entre 40 e 59 anos (51,9%), sendo 26,9% na faixa de 40 a 49 anos e 26% de 50 a 59 anos. Além disso, 11,8% possuíam de 30 a 39 anos, 6,5% menos de 30 anos e apenas 5,7% mais de 60 anos, o restante não foi informada a idade. (Chehab, 2013, p. 162)

É importante também falar sobre o suicídio por causa do trabalho. O suicídio é uma “resposta” daquele trabalhador que estava em sofrimento. Mesmo não sendo incluído no conceito de “morte súbita”, é importante salientar que pode ocorrer pelo excesso de trabalho. No



---

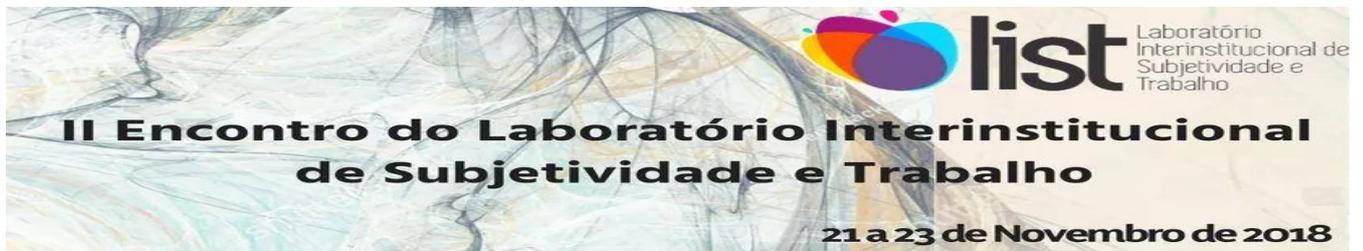
Japão o termo utilizado para esta ocorrência é *Karojisatsu* que significa “suicídio por excesso de trabalho” e está normalmente associado à Síndrome de Burnout.

O nome *Karoshi* (過勞死) é composto pelas palavras japonesas 過勞 (*karou*), que significa excesso de trabalho, e 死 (*shi*), que significa morte. É uma expressão médico-social criada por Tetsunojou Uehata, médico do Instituto Nacional de Saúde Pública. Segundo Nishiyama e Johnson (1997), o primeiro caso de *Karoshi* foi inicialmente chamado de morte súbita ocupacional e aconteceu em 1969, com a morte por Acidente Vascular Cerebral de um trabalhador de 29 anos de uma das maiores empresas jornalísticas do Japão. Desde então, o movimento trabalhista identificou 18 outros casos de *Karoshi* na indústria de jornais na década de 1970.

Os autores relatam que, quando Migiwa Hosokawa apontou que o *Karoshi* era causado por questões ocupacionais em um questionário transversal de trabalhadores da indústria de jornais em 1971, havia poucas pesquisas sobre os efeitos do trabalho em doenças cardiovasculares ou cerebrovasculares. Durante a década de 1970, não haviam relatos de *Karoshi* nos países industrializados ocidentais. Em 1982 foi publicado o livro "Karoshi", escrito por três médicos: Tetsunojou Uehata, Shun'ichirou Tajiri e Migiwa Hosokawa, dando origem ao termo *Karoshi*.

De modo geral é de extrema importância que o diagnóstico do *Karoshi*, e é complicado chegar a este diagnóstico devido aos diversos fatores que devem ser observados, principalmente pelos casos dos indivíduos que se desgastam tanto no trabalho e acabam entrando em colapso fisiológico fatal. De modo geral é de extrema importância que o diagnóstico do *Karoshi*, e é complicado chegar a este diagnóstico devido aos diversos fatores que devem ser observados, principalmente pelos casos dos indivíduos que se desgastam tanto no trabalho e acabam entrando em colapso fisiológico fatal.

Segundo Franco (2002), em 1980, o Ministério do Trabalho constatou que o Japão era o país capitalista com a maior carga de trabalho do mundo. Registros oficiais mostram que os japoneses trabalham 500 horas a mais por ano do que empregados de outros países ocidentais. A autora coloca que, desde 1986, essa situação tem chamado a atenção de críticos de vários países, que pressionou o governo japonês e o Ministério do Trabalho a buscarem maneiras de reduzir as

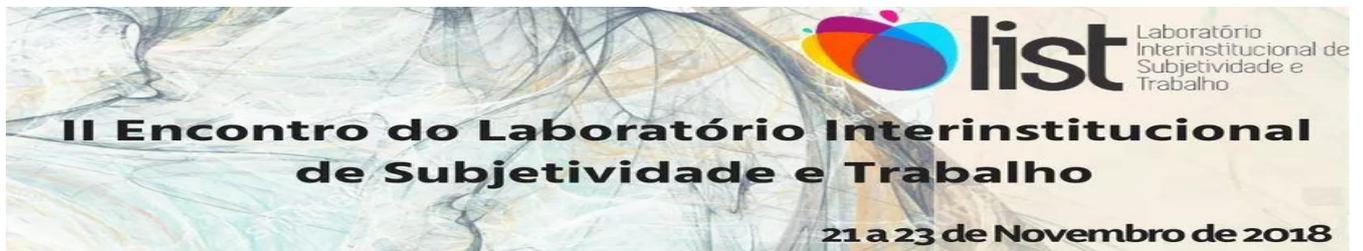


horas de trabalho. A problematização do *Karoshi* surgiu também, em grande parte, graças à protestos das famílias de vítimas do fenômeno na década de 1980. No entanto, dados oficiais revelam que houve uma redução ínfima de 2.168 horas anuais em 1987 para 2.111 horas anuais no ano seguinte. Em 1987, apesar das revisões realizadas nas leis trabalhistas, o máximo que se alcançou foi o reconhecimento da meta de "40 horas semanais" para considerações futuras.

Franco (2002) ressalta que a questão do *Karoshi* não é exclusiva do Japão, mas é um fenômeno que se agrava na sociedade japonesa devido a vários fatores como a forte especulação imobiliária e os altos custos das habitações, que tem distanciado os locais de trabalho das moradias. A autora afirma que o trajeto é de, em média, de três horas e essa fadiga pode ser somada ao desgaste causado pela permanência nos abarrotados trens japoneses. Aponta que outro fator importante reside nas solitárias transferências por motivos de trabalho. A família não acompanha o transferido, pois, além da empresa não levar em conta a transferência da família, a mudança no "tempo errado" pode prejudicar seus filhos na intensa competição que os estudantes japoneses enfrentam para entrar na escola que desejam. Essas transferências solitárias costumam ser associadas a hábitos alimentares irregulares e, em 50 casos levantados pelo programa *Karoshi Hot-line*, a poucas possibilidades de relaxamento do estresse mental e fadiga.

Nishiyama e Johnson (1997) entendem que as pessoas podem se perguntar por que os japoneses trabalham até a morte, em vez de descansar antes de entrar em colapso. Acreditam que as diferenças culturais possuem um peso muito grande para essa explicação, assim como Franco (2002), que entende que a personalidade dos indivíduos pode ser um dos fatores que levam ao *Karoshi*. No entanto, esses autores também compreendem que as principais razões para o *Karoshi* estão organização e gestão das empresas japonesas.

Outras variantes apontadas por Franco (2002) são as poucas opções de lazer esportivo financeiramente acessíveis e próximas das moradias, além de residências extremamente pequenas, raramente possuindo um quarto privativo para o relaxamento depois de um dia de trabalho. Observa também que a propensão à sobrecarga dos japoneses também não está limitada a vida adulta, uma vez que o ano escolar japonês possui uma média de 240 dias, sendo de 40 a 60 dias a mais que o ano escolar de crianças ocidentais de países centrais. No Japão, há uma



---

espécie de "vestibular" durante a passagem para o ensino médio, então, desde cedo, é comum que crianças se dediquem a horas de estudo extra e frequentem cursos preparatórios para exames.

A metodologia aplicada para a realização desse texto foi baseada no levantamento de informações através de outros textos embasados cientificamente, e após isso foi realizada a seleção de informações mais importantes e transcrição delas. O trabalho tem como objetivo acrescentar à escassa literatura sobre o assunto aqui tratado e, com isso, promover a instrumentalização dos profissionais promotores de saúde mental e física.

É de suma importância a discussão e aumento da discussão sobre a Síndrome de *Karoshi*, mesmo que esta não tenha incidência frequente no Brasil. A morte por *Karoshi* pode muitas vezes passar despercebida e o hábito de trabalhar excessivamente é muitas vezes congratulado e promovido entre as diversas empresas existentes. É esperado que este levantamento histórico e discussão da temática relacionada à esta síndrome possa de alguma forma acrescentar cientificamente ao conhecimento relacionado às psicopatologias decorrentes da atividade de trabalho humano.

## REFERÊNCIAS

CHEHAB, Gustavo Carvalho (2013). *Karoshi*: a morte súbita pelo excesso de trabalho. *Revista do Tribunal Superior do Trabalho*. São Paulo, v.79, n.3, p.153-180.

FRANCO, Tânia (2002). *Karoshi*: O trabalho entre a vida e a morte. *CADERNO CRH*, Salvador, n. 37, p. 141-16.

KOPP, Rochelle (2012). *Over worked and underpaid Japanese employees feel the burden of Sabisu Zangyo*. Japan Intercultural Consulting. Japão.

NISHIYAMA, Katsuo, & JOHNSON, Jeffrey V. (1997). *Karoshi-Death from overwork: Occupational health consequences of the Japanese production management*. Escola de Higiene e Saúde Pública. Baltimore.